

# TERJE VIGEN / 1916

*(O Lobo do Mar)*

um filme de Victor Sjöström

**Realização:** Victor Sjöström / **Argumento:** Victor Sjöström e Gustaf Molander sobre o poema homónimo de Henrik Ibsen / **Fotografia:** Julius Jaenzon / **Décors:** Jane Wang e Axel Esbensen / **Interpretação:** Victor Sjöström (Terje Vigen), Bergliot Husberg (a mulher de Terje), August Falk (o oficial da marinha inglesa), Edith Erastoff (a mulher do oficial), etc.

**Produção:** Charles Magnusson para a A.B. Svenska Biografteatern / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em norueguês traduzidos para português, 53 minutos (a 18 imagens por segundo) / **Estreia Mundial:** Estocolmo, 29 de Janeiro de 1917 / **Estreia em Portugal:** Cinema Condes, a 16 de Abril de 1920.

Com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

---

Quase todos os estudiosos da obra de Sjöström são unânimes em considerar que entre **Dödskysen**, filme que precedeu este, e **Terje Vigen**, há um extraordinário salto qualitativo e são igualmente concordantes na opinião de que **Terje Vigen** é o primeiro filme fundamental do autor de **Os Proscritos**, a primeira das suas obras-primas. O próprio Sjöström era da mesma opinião, pois considerava que só a partir deste filme, tinha começado verdadeiramente a sua carreira. Sabe-se, ainda, que Sjöström (então com 37 anos) atravessou entre **Dödskysen** e **Terje Vigen** uma crise pessoal grave (separação da primeira mulher, a actriz Lilly Beok) e que se mostrava “farto de tudo, recusando quase todos os projectos”. Foi então que conheceu a actriz Edith Erastoff (intérprete deste filme) com quem se viria a casar, que lhe restituiu a confiança na vida e nas pessoas.

Não se trata de pormenores melodramáticos, de importância secundária. Para um temperamento profundamente lírico (como o mostram os grandes filmes de Sjöström), a paixão teve certamente um papel importante neste grande hino à natureza e à reconciliação que fundamentalmente **Terje Vigen** é.

A mais importante característica desta obra é o seu panteísmo, possivelmente já presente no poema de Ibsen, em que se inspira. Não basta, com efeito, notar a relativa novidade, para a época, dum filme quase todo rodado em exteriores. O que é mais importante sublinhar é que esse *décor* (o mar) é dramaticamente tratado, acompanhando os “estados de alma” dos protagonistas. O “clímax” são obviamente as sequências finais em que a tempestade sublinha as tempestades emocionais, para com elas terminar. Sobre o gesto de perdão, vinha inscrever-se o “fim das tormentas” e a tranquilidade das águas no fim é o equivalente da paz reencontrada. Vezes sem conta, depois deste filme, foram tais correspondências abordadas, mas pode-se dizer que a ausência de retórica e de efeitos simbolistas em **Terje**

**Vigen**, dá ao uso de tais correspondências uma discrição contida que é, quase sempre, muito bonita.

O mesmo se pode dizer do modo como foi entendido o *parti-pris* que preside ao filme: ilustrar com imagens, quase palavra a palavra, o longo poema de Ibsen que os intertítulos transcrevem. Sjöström nunca caiu na tentação de se remeter às belas imagens ou de discursivamente “traduzir” os versos. Soube manter-se na esfera do poético, procurando sempre o que era susceptível de mais leituras e mais conotações e não o que as reduziria a favor duma linearidade compreensiva. Há uma respiração na obra que desposa o ritmo do poema (pelo menos, tal como o podemos avaliar através da tradução) em imagens que sustêm sempre esse largo e dilatado fôlego. Os planos do mar, antes do barco de Terje ser aprisionado, são, deste ponto de vista, admiráveis, e a escala de planos variada através do uso da íris ou dos binóculos dos oficiais ingleses, vai sucessivamente dando-nos, na sua escala mais larga, a esperança e a alegria do regresso vitorioso e, quando reduzida, a cerração do aprisionamento e da derrota. Estamos já muito longe da dependência em relação a formas teatrais, para se dar, um avanço resolutivo na compreensão da “língua” própria do cinema, com uma composição de imagens e um uso da iluminação que já só deste relevam. Repare-se, por exemplo, no plano “espectral” em que Terje regressa à casa vazia, no plano em contra-luz com as cruces, ou no papel da montagem na sequência final do salvamento dos naufragos. Ou, repare-se, no plano sublime em que Terje se despede da mulher, com a sombra dos remos na água, transmitindo, da forma mais simples e mais lírica possível, o início duma separação que iria ser definitiva.

Muitos outros exemplos se poderiam dar (as sequências da fome, as da prisão em Inglaterra, com o magnífico aproveitamento do *flash-back*), mas, mais importante, parecem ser voltar à dominante panteísta e ao modo como o décor acompanha a evolução dramática dos personagens e, sobretudo, de Terje. À transformação deste (servida pelo magnífico trabalho de Sjöström como actor) corresponde a transformação do ambiente, das casas, da paisagem, das pessoas. Tudo o que antes fora marcado por uma profunda unidade dissolve-se em sinais visuais de separação e incomunicabilidade, introduzindo uma progressiva “estranheza” da figura de Terje, sem comum medida com o mundo que o cerca (a própria silhueta do actor adquire essa dimensão). Cada objecto e cada rosto (pelo segredo duma iluminação sabiamente doseada) ganham um tom ameaçador, um peso letal sobre um destino que se refugia num passado impossível de ser esquecido. Para, como acima se diz, tudo se resolver na sequência final, com a compreensão de que o “passado é pó” e uma unidade de elementos novamente reencontrada.

Estamos já na exploração do caminho que levará Sjöström à obra-prima que é **Os Proscritos**, em que espaço interior e esse espaço exterior se fundem, construindo-se através do segundo o que pertence à esfera do primeiro.

**Terje Vigen** será um dos primeiros filmes a ensinar-nos que tudo está em tudo e a mostrar-nos uma paisagem habitada, comunicando-nos, tanto como o olhar e a presença do homem, os deuses e os demónios que a povoam.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico